

*Entre as representações e os espaços vividos pelos estudantes
geraizeiros no Baixo Vale do Rio Guará- São Desidério, BA: a
educação geográfica no/do campo*

*Between the representations and the spaces lived by students
geraizeiros in the Low Valley of Rio Guará-São Desidério, BA: the
geographical education in the field*

*Entre las representaciones y en espacios vividos por los
estudiantes geraizeiros en Valle del Rio Bajo Guara São Desiderio
BA: un geográfica en educación / campo*

Karla Barbosa de Almeida

Licenciada em Geografia/Universidade Federal do Oeste da Bahia
Centro das Humanidades-UFOB/CEHU
karlabarbosa92@hotmail.com

Valney Dias Rigonato

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás – UFG
Professor da Universidade Federal do Oeste da Bahia
Centro das Humanidades- UFOB/CEHU
valney.rigonato@ufob.edu.br

Resumo

Esse artigo busca analisar o processo de ensino e aprendizagem da Educação no/do Campo em São Desidério, BA com base nas representações e não representações socioculturais dos jovens estudantes geraizeiros do baixo vale do rio Guará, especificamente da Escola Municipal Ovídeo Francelino de Souza. Para isso buscou-se analisar as não representações, os discursos, os saberes, os fazeres e as práticas socioculturais nos espaços vividos e também as representações: mapas mentais. A metodologia baseou-se nos princípios da geografia humana com apoio da análise do discurso, da pesquisa-ação-participante e em trabalhos de campo (estágio de vivência) no espaço escolar e nos espaços vividos pelos geraizeiros. Os resultados apontam para as limitações das representações socioculturais diante das territorialidades do capital interligado com o agronegócio as quais os jovens estudantes geraizeiros enfrentam em seus lugares e espaços vividos. Assim, ao combinarmos as representações com as não representações demonstraram a possibilidade de traduzir, analisar e interpretar os conflitos, as resistências desse grupo social diante das territorialidades do agronegócio nos Cerrados baianos. Além disso, os resultados aqui alcançados podem contribuir uma educação geográfica do/no campo mais contextualizada com os lugares e espaços vividos pelos geraizeiros e outros grupos subalternizados dos Cerrados.

Palavras-chave: (Não) representações. Cerrados. educação geográfica no/do campo.

Abstract

This article seeks to analyze the teaching and learning process of Education in the Field in São Desidério - BA, based on the representations and not sociocultural representations of the young students from the low valley of the river Guará, specifically the Ovídeo Francelino de Souza Municipal School. In order to do so, we sought to analyze the representations, discourses, knowledge, practices and socio-cultural practices in the lived spaces and also the representations: mental maps. The methodology was based on the principles of human geography with the support of discourse analysis, participant-action research and fieldwork (living experience) in the school space and spaces lived by the *geraizeiros*. The results point to the limitations of sociocultural representations in the face of the territorial boils that the young students of *geraizeiros* face in their living spaces. Thus, by combining the representations with the non representations, they demonstrated the possibility of translating, analyzing and interpreting the conflicts, the resistance of this social group in the Cerrados of Bahia. In addition, one can contribute to an education in the field more contextualized with the lived spaces of the students.

Keywords: (No) representations. Cerrado. Education in the field.

Resumen

En este artículo se pretende analizar el proceso de enseñanza y aprendizaje en la Educación / campo en Sao Desiderio BA partir de las representaciones y las representaciones no socioculturales de los jóvenes estudiantes *geraizeiros* bajo valle del río Guara, específicamente la Escuela Municipal Ovídeo Francelino de Souza. Para ello se buscó analizar los no representaciones, discursos, conocimientos, hechos y las prácticas socioculturales en espacios vivido y también las representaciones: mapas mentales. La metodología se basa en los principios de la geografía humana con el análisis del discurso de apoyo, la investigación-acción-participante y el trabajo de campo (experiencia en el escenario) en la escuela y en los espacios que experimentan los *geraizeiros*. Los resultados apuntan a las limitaciones de las representaciones socioculturales antes de la territorialidad de la agroindustria de capital interconectada que jóvenes estudiantes *geraizeiros* cara en sus lugares y vivió espacios. De este modo, mediante la combinación de las representaciones con las representaciones no se ha demostrado la capacidad de traducir, analizar e interpretar los conflictos, la resistencia de este grupo social frente a la territorialidad agroindustria en Bahía Cerrado. Por otra parte, los resultados obtenidos aquí pueden contribuir a la educación geográfica / contextualizada en el campo con los lugares y espacios vividos por *geraizeiros* y otros grupos subalternos de las sabanas.

Palabras clave: (No) representaciones. Cerrados. La educación geográfica en / del campo.

Introdução

Nos Cerrados do Oeste da Bahia, o processo de uso e ocupação intensificados nas últimas décadas do século XX e início deste século pelo avanço do front agrícola (FREDERICO, 2010) têm causado grandes mudanças no Cerrado: perdas significativas da biodiversidade e também erosão dos valores sociocultural dos geraizeiros.

Especialmente, na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia têm se configurado nas últimas décadas como um palco de interesses e conflitos do agronegócio desta região sobre os territórios vividos dos Geraizeiros.

Os Geraizeiros habitam os povoados rurais desta mesorregião e ainda desenvolve a agricultura de subsistência, pecuária, o extrativismo e produzem artesanatos. Eles possuem conhecimento da sociobiodiversidade do Cerrado e ocupam as extensas áreas dos Cerrados, Almeida (2008).

Com a expansão da monocultura nos Cerrados baianos esse grupo enfrenta o “cercamento”. Atualmente, estão cercados pelas grandes fazendas e habitam os vales úmidos e as margens das veredas com pequenas chácaras com propriedade em sua maioria na forma de posses. Para Rigonato (2013) eles desenvolvem suas territorialidades nas “franjas dos Cerrados”. Por isso, são detentores de saberes e buscam constantemente reafirmar os seus elementos identitários e a sua resistência sociocultural diante das territorialidades do capital interligadas com o modelo de agronegócio desenvolvido nesta mesorregião.

No baixo vale do rio Guará, as populações geraizeiras habitam os seguintes povoados: Cera, Currais, Larga, Pedras, Vereda Grande, Lagoa dos Buritis, Riacho do Fogo, e Contagem, conforme croqui abaixo (figura 1):

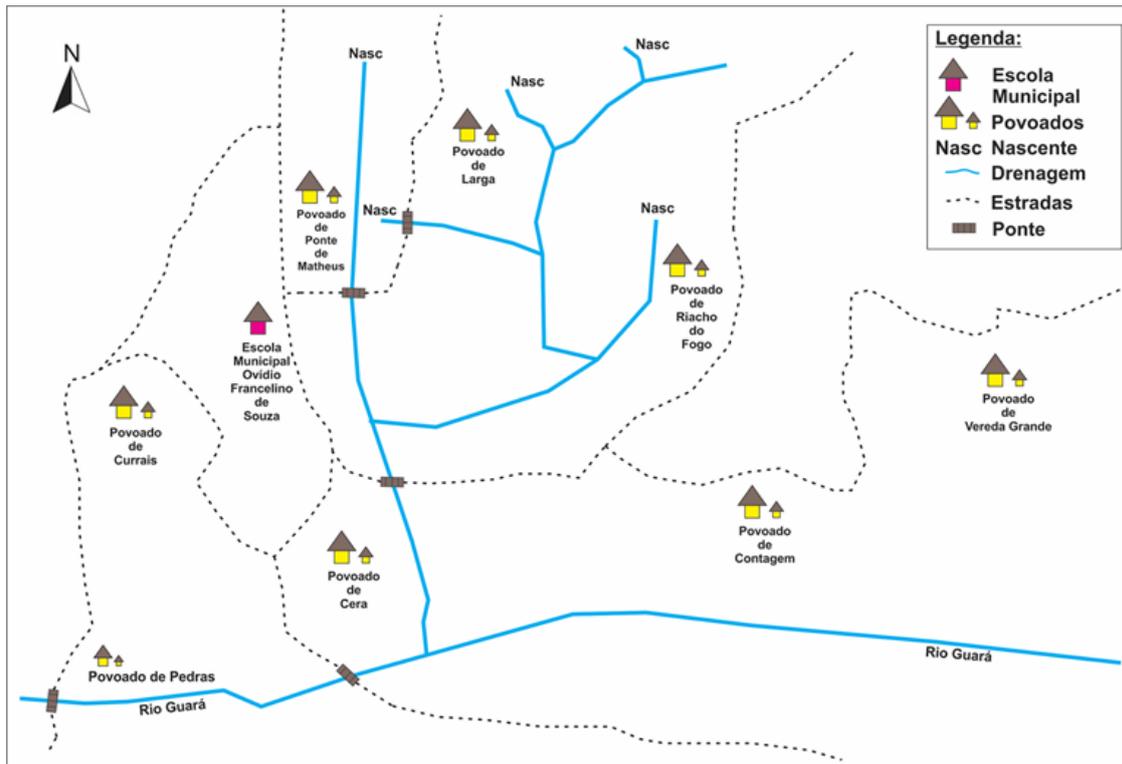


Figura 1- Croqui dos povoados geraizeiros no Baixo Vale do Rio Guará, São Desidério, BA. Org. RODRIGUES, T. S. (2015).

Cabe aqui frisar que esses estudantes habitam esses povoados no baixo vale do rio Guará no município de São Desidério. Devido à nucleação promovida pela rede municipal de educação nas escolas do/no campo, houve redução do número de escolas no campo. Com isso, os estudantes deslocam entre oito (8 km) a quarenta (40 km) quilmetros de estradas vicinais com “péssimas condições” para cursar o fundamental e, principalmente o Ensino Médio.

Assim, esse artigo¹ analisa o discurso, as (não) representações dos jovens estudantes geraizeiros em seus lugares e espaços vividos no baixo vale do rio Guará no município de São Desidério, BA diante das territorialidades do capital interligadas ao modelo de agronegócio desenvolvido nesta mesorregião.

Para a pesquisa monográfica que deu base para elaboração desse artigo os procedimentos metodológicos foram baseados nos princípios da Geografia humana com apoio na análise do discurso (SILVA, 2005; JUNIOR, 2005), pesquisa-ao-participante

¹  parte do Trabalho de Conclusão do Curso em licenciatura em Geografia “A Educao do/no campo: as representações dos estudantes do Ensino Médio da Escola Municipal Ovídeo Francelino de Souza, São Desidério, BA, sobre a orientao do prof.: Valney Dias Rigonato.

(BRANDÃO, 2006). Também utilizamos as auto fotografia, ou melhor, fotografias obtidas pelos próprios estudantes da escola municipal Ovídeo Francelino de Souza na zona rural de São Desiderio. Essas imagens foram importantes para revelar o cotidiano vivido no espaço escolar.

Os resultados alcançados apontam para a importância das representações e não representações no processo didático e pedagógico em Geografia Escolar que busque contextualizar a vida com os lugares, as paisagens e os espaços vividos por essas populações diante das territorialidades do capital interligado com o agronegócio nos Cerrados, em especial nos Cerrados baianos.

Entre as representações e os espaços vividos pelos estudantes geraizeiros no Baixo Vale do Rio Guará

As representações socioculturais compõem uma área de pesquisa forte nas ciências sociais contemporâneas. Aqui nesta pesquisa, quando buscamos intercalar as representações com os espaços vividos, procura-se também o papel das (não)representações dos espaços vividos pelos seus sujeitos sociais. O uso da palavra/categoria representação precisa ultrapassar os signos genéricos e polissêmicos para alcançar a ontologia. As representações são discutidas em diversas outras áreas do conhecimento científico contemporâneo, tais como: na semiótica, na história social, na psicologia, na cartografia e, principalmente, na filosofia.

Epistemologicamente, as representações sociais formam um campo fértil nas ciências sociais. Pode-se dizer que entre os primeiros estudos teóricos têm-se as contribuições de Durkheim (1976), cujas “representações coletivas” mostram como sociedades sem escrita constroem e expõem a sua realidade. Assim, pode ser definida como “categoria que expressa à realidade e, explicam-na, justificando-a ou questionando-a” (MINAYO 1985, p. 89). Nas últimas décadas, nota-se que houve um crescente interesse pela categoria “representações sociais” em diversos campos do saber, inclusive na ciência Geográfica.

Os principais expoentes são (HALL, 1997; BHABHA, 1998; MOSCOVICI, 2003; BORDIEU, 2000-2007; LEFEBVRE, 2006; CLAVAL, 2007). Tais estudos colaboraram com as bases epistemológicas tanto do paradigma moderno como pós-moderno das ciências sociais. O primeiro considera-o enquanto discurso produzido pela

constatação de uma realidade. Já no segundo, as representações sociais são consideradas enquanto o próprio objeto do conhecimento.

Já no plano mais ontológico da Geografia podem-se apontar os estudos de (CAVALCANTI, 1998; KOZEL, 1999-2007; PELUSO, 2003; ALMEIDA, 2003; SERPA, 2007; MOREIRA, 2010; GIRARDI, 2013) entre outros que discutem as representações sociais relacionadas com os significados culturais no/do espaço geográfico.

De forma geral, pode-se afirmar que a Geografia das representações possui três vertentes: uma voltada mais para o papel político, das relações de poder, das identidades sociais e a outra para o conjunto de saberes simbólicos do cotidiano vivido dos lugares, (GIL FILHO, 2005). Ambas vertentes apontam para superação das abordagens hegemônicas positivistas e estrutural-funcionalistas, abrindo possibilidades para outras abordagens na ciência geográfica. A mais recente é das não representações (THRIFT, 2008) a qual busca diretamente nas práticas socioculturais interpretar os espaços vividos.

Nesta perspectiva, pode destacar a pesquisa de Almeida (2003, p. 71) a qual se embasa no conceito de representações sociais sobre “as modalidades de apreensão do mundo e do status do real, isto é, o problema da adequação entre a realidade, o que nós percebemos e nossos discursos sobre a realidade”. Cavalcanti (1998) também colabora a partir da análise das representações sociais para pesquisas tanto dos sujeitos que compõem o espaço escolar como na própria ciência geográfica.

Já nas pesquisas de Kozel (2007), destaca-se o papel das representações socioculturais enquanto possibilidade de valorizar os signos e as linguagens por meio de mapas mentais na Geografia. Além disso, colabora com a leitura do mundo cultural enquanto uma forma de linguagem explícita no sistema de relações sociais (valores, atitudes e vivências), absorvidas e expressas por meio das percepções do espaço vivido, percebido e concebido (LEFEBVRE, 2006). Essa leitura é apresentada na figura 2

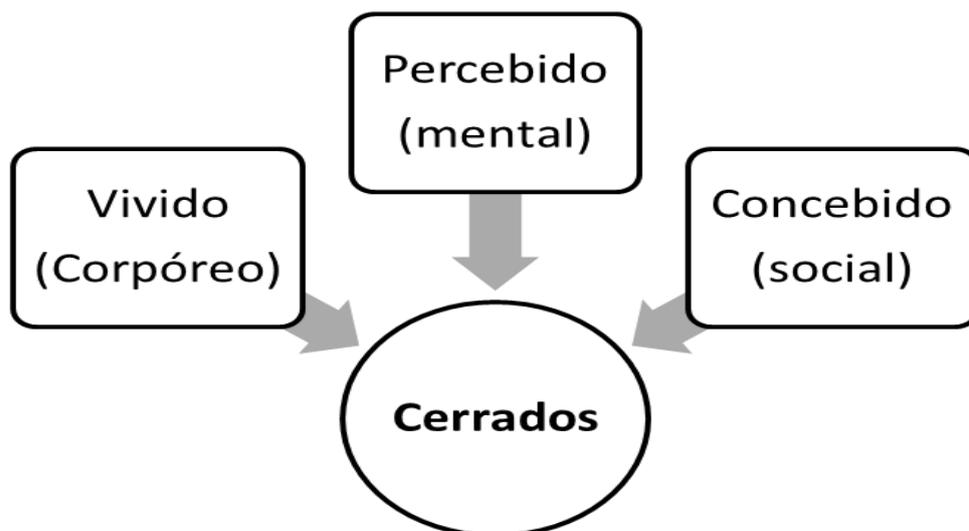


Figura 2- Esquema da relação dos espaços vivido, percebido e concebido nos cerrados. Elaborado com base em Lefebvre, (2006). Organizador: RIGONATO, V.D. (2016).

Essa tríade é significativa para a análise da produção do espaço nas áreas dos Cerrados baianos, uma vez que permitem no âmbito do vivido identificar os espaços de representações, no percebido as práticas sociais e no concebido a representação do espaço, isto é, o escrito e os conhecimentos produzidos sobre os Cerrados baianos. Cabe ressaltar aqui que há diversas formas de conhecimento e de externalização das práticas espaciais por meio das representações socioculturais.

Para Moreira (2010) as representações são o mundo construído na dialética da imagem e da fala. Raffestin (2010) acrescenta ao afirmar que a imagem não é somente um instrumento de representação. Ela é também para conservação e restauração da realidade vivida, no caso, nos Cerrados Baiano. Outrora, Kozel (2002) já apontava que os mapas mentais também são elementos essenciais para pesquisar as representações socioculturais e, mormente, os valores, o imaginário e os significados da tríade anteriormente mencionada. Por último, as representações socioculturais estão impregnadas no âmbito do imaginário social coletivo a maior mudança de representação ideológica sobre as paisagens dos Cerrados brasileiros. Essas representações socioculturais contribuíram para outra imagem carregada de novos simbolismos, isto é, a imagem “do Cerrado enquanto inóspito a celeiro produtivo”. Porém, uma noção de produtivo que não envolve os espaços vividos pelos jovens estudantes geraizeiros, os quais ainda desenvolvem suas vidas junto à biodiversidade dos Cerrados baianos.

Os espaços vividos pelos estudantes geraizeiros nos cerrados baianos

Para entender os espaços vividos, percebidos e concebidos pelos estudantes do baixo vale do rio Guará, buscamos por meio dos discursos, das representações socioculturais e das nossas vivências junto com as deles, analisar os espaços vividos por eles nos Cerrados baianos. Dentre os mapas mentais dos estudantes percebeu-se que todas as situações estão associadas ao dia a dia dos estudantes, sobretudo nas representações de suas ações nos povoados: trabalho na propriedade, atividades domésticas e lazer.

Aqui o trabalho de auto fotografia dos espaços vividos foram fundamentais para revelar a ligação entre os diversos lugares que constituem o espaço vivido, percebido. Assim, no cotidiano da vida os estudantes geraizeiros revelaram os seus lugares diante das ebulições do agronegócio na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia.

Nos mapas mentais, as suas representações destacaram a vegetação (fitofisionomia) e as águas, os regos de água e os rios. Para eles, são signos relevantes que compõem o espaço vivido. Espaços repletos de lugares de afetividade com paisagens formadas pela vegetação do Cerrado *Sensu Strictu* (figura 3 C e D), Veredas (figura 3 A e B), Cerradão, Cerrado Campo Limpo, Cerrado Campo Sujo, Campos Rupestre e Matas Ciliares, como se vê na figura 3:



Fotos: A – Áreas de Veredas – RODRIGUES, E.V. (2014), B- SANTOS G.B. (2014).
Áreas de Cerrado Sensus Strictu- C- VIRGENS, I. M. (2014) e D – VIERA M.M. (2014)

Como fica evidente nas figuras acima, os lugares com presença de água, vegetação são ainda muito utilizados para o lazer e atividades domésticas pelas populações geraizeiras do baixo vale do rio Guará. Tal realidade é revelada no discurso oral deles e nas auto fotografias, tais como observa na figura 4 a seguir:



Figura 4: O uso das águas nos povoados.

Fotos: A- SANTOS, G.B. (2014); B C D E- GUARDA, A.S. (2014) e F- SANTOS, A.S. (2014).

Como se percebe nas figuras das paisagens os rios, as águas são lugares práticos e simbólicos para os jovens geraizeiros. Com a destruição dessas paisagens, ou com a transformação em reservas legais, esse patrimônio do modo de vida deles se exaure. O lazer dos geraizeiros é outra atividade que sobre com as territorialidades do agronegócio. Por um lado, destrói as paisagens e os lugares. Por outro, retira as pessoas do seu tempo livre para o tempo do trabalho fordista.

Outro aspecto importante são as atividades da agricultura e pecuária de subsistência, sobretudo com a participação dos estudantes no processo da produção de mandioca, feijão, criação de animais (gado) domésticos e na construção de habitações. Aqui os estudantes geraizeiros revelam que dominam os “saberes-fazer” e, tais práticas sociais são as suas próprias resistências diante das representações hegemônicas do agronegócio que vai erodindo e os captura para o trabalho assalariado, observe na figura 5.



Figura 5- Relações com a terra

Fotos: A- SANTOS J.O. (2014), B- SANTOS I.V. (2014) e C – VIEIRA, M.M. (2014).

A pecuária e agricultura são de subsistência e o trabalho ainda é familiar, inclusive dos jovens estudantes geraizeiros. Popularmente, é denominado por eles enquanto “roça de rego”. Nelas eles plantam: feijão, mandioca e arroz. E de hortas em canteiros nas áreas próximas as residências dos moradores, observar na figura 6:



Figura 6- Agricultura familiar nas áreas dos cerrados.
Fotos: A-SOUZA, E.C. (2014) e B- SANTOS, A.P. (2014).

Outro aspecto do espaço vivido, muito destacado nas auto fotografias foram às atividades ligadas ao extrativismo alimentar de: caju, mangaba, pequi, bruto (cascudo/ araticum), araçá, bacupari, maracujá do mato, jatobá, murici, cagaita, pitomba, cocó catolé, cajuí, buriti, dentre outros. E de capins para fazer artesanatos, como o capim dourado e da palha do buriti. Na figura 7 (A, B, C), observa-se o consumo do buriti e o cajueiro, respectivamente e na figura 7 D, o capim dourado.

Tais vivências demonstram não só os saberes das fitofisionomias, mas os períodos de frutificações, a distribuição das espécies frutíferas na paisagem enquanto resistências interligadas com o convívio profundo nos espaços vividos no baixo vale do rio Guará. Apesar desse vivido, ser pouco valorizado no processo de ensino e aprendizado em Geografia Escolar, cotidianamente. Ele é muito bem explorado nos projetos e nos eventos de datas definidas no calendário escolar.



Figura 7: Frutas e flora dos cerrados

Fotos: A-VIRGENS, I. V. (2014), B e D – CONCEIÇÃO, E.C. (2014) C- ROCHA, J.B. (2014).

Observou-se também, com os mapas mentais que os estudantes revelam as mudanças ocasionadas por seus familiares e pelas territorialidades do agronegócio em seus povoados. Inclusive, com a chegada das instituições locais: escola e posto de saúde. Entretanto, suas representações ainda não conseguem revelar as estratégias de resistências que os seus familiares muitas vezes adotam no seio de seu modo de vida e, ao mesmo tempo para construir as suas novas casas.

A título de exemplo, a autora do desenho A é uma estudante moradora do povoado de Larga. Foi expresso por ela o seu contexto local, a sua moradia com a presença humana. Já a estudante do desenho B é moradora do povoado de Ponte de Mateus, representa o seu povoado com a presença humana e com uma dinâmica de deslocamento, evidenciado pelo transporte em motocicleta e pela presença da escola e de uma Unidade Básica de Saúde (UBS).

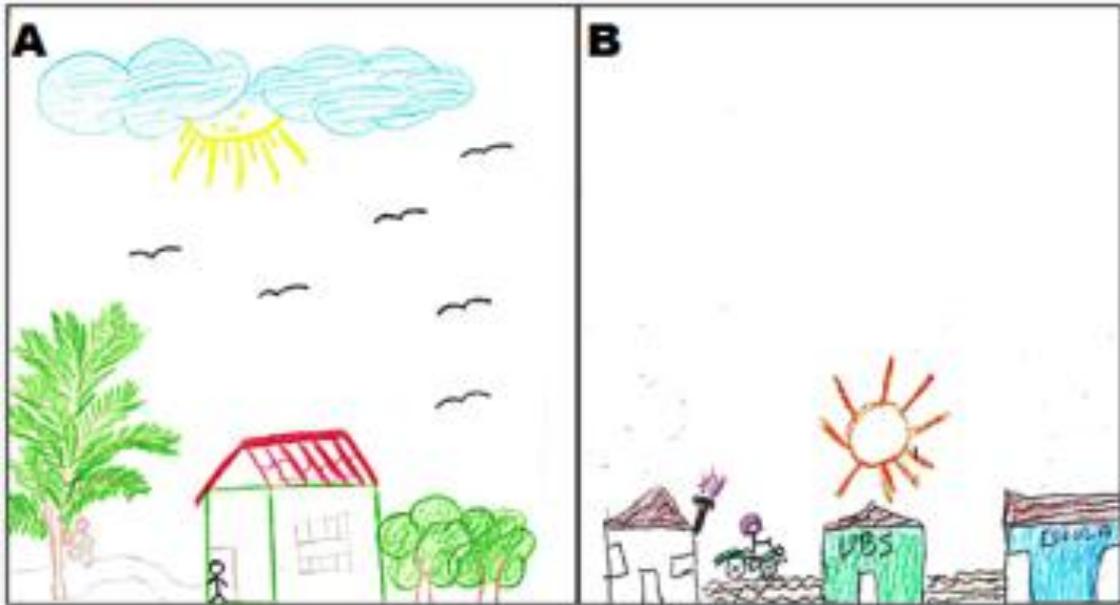


Figura 8- Representação dos estudantes dos povoados.
Mapa mental: A- SILVA, C. B- SOUZA, C.

Como se vê, as representações socioculturais são significativas para os jovens estudantes geraizeiros, pois por meio dos mapas mentais eles expressaram os signos vividos e as transformações recentes nos povoados que mais foram impactados pelas territorialidades diretas e indiretas do agronegócio no baixo vale do rio Guará. Mas, mesmo elas sendo significativas demonstraram na prática limitações para traduzir e analisar os lugares dos espaços vividos pelos estudantes geraizeiros diante das territorialidades do capital interligadas com o modelo de agronegócio no front agrícola dos Cerrados baianos.

Para adentarmos as não representações os estágios de vivência junto aos estudantes geraizeiros foram fundamentais, pois no plano discursivo no espaço escolar nem sempre eles revelavam as consequências e muito menos às estratégias de sobrevivência diante do desmatamento, do cercamento das “franjas de Cerrado”. Mas, em visitas e convivido com as famílias e entrevistas as contradições dos espaços vividos foram se constituindo em realidades as quais tinha sido pouco mencionada, conforme o relato da moradora abaixo:

O povo tomando a terra e a gente caminhando. Tomava a nossa terra. Esse círculo que estamos aqui foi um fazendeiro que deu e eu fui agasalhando todo mundo. Se for contar os lugares que moramos não é hoje não, na onça, nos currais, nos cupins, na cera... (MORADORA DO POVOADO DE PEDRAS, ENTREVISTA REALIZADA, 04 DE JUNHO, 2015).

Além dos discursos dos moradores percebe-se nas paisagens dos povoados ações que remetem aos conflitos agrários ambientais, as estratégias dos fazendeiros em manter pessoas enquanto vigias locais de suas terras e/ou enquanto mercado trabalhista de reserva e disponível. Entre os povoados de Currais e Pedras há marcas evidentes que comprovam o conflito agrário nas áreas dos cerrados, onde cercas de arame farpado são destruídas, revelando a disputa por esses territórios, observe a figura 9:



Figura 9- Cerca destruída nas áreas de cerrado.
Foto: ALMEIDA, K.B. (2015).

Em síntese, aqui a combinação das representações e das não representações demonstraram a importância para traduzir e analisar as espacialidades vividas nas aulas de Geografia. Elas se combinadas com as experiências geográficas dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem podem auxiliar na constituição de outros processos didáticos e pedagógicos formadores de conceitos contextualizados com os espaços vividos no/do campo. Por último, pode afirmar que as representações, os discursos, as auto fotografias foram fundamentais nesta pesquisa para o processo de ensino e aprendizagem em Geografia Escolar neste espaço escolar das áreas dos Cerrados, em São Desidério. Entretanto, os professores, estagiários e estudiosos da educação e, principalmente da educação geográfica precisam conhecer por meio de trabalhos de campo, visitas técnicas, estágios de vivências, travessias conforme o DRP (Diagnóstico Rural Participativo) para internalizar junto com os estudantes e a comunidade escolar não só o espaço objetivo, mas também o subjetivo e intersubjetivo do espaço vivido. Esse invisível das representações socioculturais é o que pode

dificultar e/ou facilitar a leitura mais próxima do real dos espaços vividos nas comunidades escolares no/do campo nos Cerrados, nos Pantanais, nas Amazônias, nas Catingas, nos Mangues e nas Matas Atlânticas.

Para não terminarmos

Entre as (não) representações socioculturais dos espaços vividos dos jovens estudantes geraizeiros descobrimos que há um universo invisível pouco explorado na Educação e, conseqüentemente na educação geográfica no/do campo no baixo vale do rio Guará, em São Desidério, BA. Para isso, ensinar e aprender neste campo dos saberes nas escolas do/no campo precisa de mais autonomia, apoio pedagógico, espaços formativos para cultivarem outras propostas pedagógicas que valorize os lugares e espaços vividos.

Infelizmente, em São Desidério a Educação no/do Campo vem passando por redefinições e oferece poucas dessas condições para os professores(as) promoverem o Ensino Médio para esses jovens estudantes geraizeiros. Devido à falta de formação e talvez de compreensão do papel da educação pelos gestores educacionais e administrativos ao impor um modelo curricular único urbano para os espaços do campo, pode ao mesmo tempo distanciar esses jovens do seu modo de vida e oferecer um processo de ensino e aprendizado distante, inclusive das exigências do mundo do trabalho impostas pelas territorialidades do agronegócio nesta mesorregião e, principalmente, no baixo vale do rio Guará.

Esse contexto torna-se mais emblemático, pois a maioria dos municípios dessa mesorregião nos Cerrados baianos, não oferecem nem esse modelo nas escolas municipais e muito menos nas escolas estaduais no/do campo. Há, na verdade é o fechamento das escolas no/do campo. Com isso, muitos jovens estudantes geraizeiros cursam apenas até o quarto ou quinto ano devido à falta de oportunidades.

Desse modo, a Educação do/no campo e, a Geografia escolar ensinadas perpassam pelo desafio de existência nas áreas dos Cerrados baianos. Para aqueles que existem, persistem e reexistem podem valorizar mais a pesquisa-ação-participante no qual o trabalho pedagógico diário. Para isso, recomendamos as observações diretas dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem no/do campo.

Em síntese, os jovens estudantes geraizeiros enfrentam tanto as representações hegemônicas do agronegócio como o risco da diminuição dos bens naturais fundamentais à vida e ao lazer: as águas do rio Guará o qual se encontra sob fortes pressões de uso devido ao plantio de eucalipto, uso em projetos de irrigação e transposição do mesmo. Oxalá, que eles consigam reexistirem e reabitarem os Cerrados a partir da valorização dos seus saberes com os conhecimentos científicos mais voltados para as escolas do/no campo.

Referências

ALMEIDA, M.G. Diversidade paisagística e identidades territoriais e Culturais- Brasil Sertanejo. In: ALMEIDA, M.G, CHAVEIRO, E.F., BRAGA, H.C (org.). **Geografia Cultural: ainda dos lugares e os lugares da vida**. Goiânia: Viera- 2008b, p.47-74.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOURDIEU, P. **A TV precisa de um contrapoder**. Jornal do Brasil, Caderno Idéias, 11/09/2000.

_____. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. <<http://siscom.ibama.gov.br/monitorabiomas/cerrado/>> Acesso: 25, maio de 2012.

CAVALCANTI, L.S. **Geografia, Escola e construção de conhecimento**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

_____. A Geografia Escolar e a Sociedade Brasileira Contemporânea. In: **O Ensino da Geografia e suas Composições Curriculares**. TONINI, I. M. (Org) Porto Alegre: UFRGS, 2011.

CLAVAL, P. Uma, ou Algumas, Abordagem(ns) Cultural(is) na Geografia Humana? In: SERPA, A. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREDERICO, S. **O novo tempo do Cerrado: expansão dos fronts agrícolas e controle do sistema de armazenamento de grãos**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2010.

GIL FILHO, S. F. **Espaço sagrado: estudos em geografia da religião.** Curitiba: Ibpex, 2008.

GIRARDI, G. Política e Potência das Imagens Cartográficas na Geografia. In: CAZETTA, V. JR OLIVEIRA. (Orgs) **Grafias do espaço: imagens da educação geográfica contemporânea.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2013. p. 69-86.

HALL, S.. The work of representation. In: HALL, Stuart (Org.) Representation. **Cultural representation and cultural signifying practices.** London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

KOZEL, S. **Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba, a “capital ecológica”.** São Paulo. USP. FFLCH (Tese de Doutorado). 2001.

_____. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, F. e Kozel, S. **Elementos de Epistemologia da Geografia contemporânea.** Curitiba: Editora da UFPR, 2002

_____. Representação e Ensino: Aguçando o olhar geográfico para os aspectos didático-pedagógicos. In: SERPA, A. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações.** Salvador: EDUFBA, 2008.

KOZEL, S.; NOGUEIRA, A. R. B. **A geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida.** In: Revista do Departamento de Geografia/FFLCH/USP, n. 13, p. 239-257, 1999.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4a Ed. Paris. Éditions Anthropos, 2000) Primeira versão: início –fev.2006)

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia.** São Paulo: Contexto, 2007.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PELUSO, M. L. **O Potencial das representações sociais para a compreensão interdisciplinar da realidade: Geografia e Psicologia Ambiental.** Estudos de Psicologia- 2003, 8(2), 321-327.

PONTUSCHKA, N. N; PAGANELI, T. I; CACETE, N. H. Representações Gráficas na Geografia. In: **Para ensinar e aprender geografia.** São Paulo: Cortez, 2007, p. 291-316.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. **Globalização da natureza, natureza da globalização.** São Paulo: Civilização Brasileira, 2005.

RAFFESTIN, C. Uma concepção de território, territorialidade e paisagem. In: **Teorias e práticas territoriais: análises espaços-temporais.** PEREIRA, S.R.; COSTA, B. P. da; SOUZA, E.B.C. de (Orgs.). São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SERPA, A. **Espaços culturais:** vivências, imaginações e representações. Salvador: EDUFBA, 2008.

THRIFT, N.. **Non-representational geography.** Space, politics, affect. London:2008.

Recebido para publicação em janeiro de 2017

Aprovado para publicação em abril de 2017